

Angra do Heroísmo Ilha Terceira

Reflexos da 1ª guerra Mundial

Fontes:

Jornal “A União” Nº 6.055 de 22 de Julho/14 até 7309, 12 de Novembro/1918

Actas da C.M.A.H.

Jornal “ A Verdade”

História de Portugal Edição Monumental da Portucalense Editora Porto

1º Importância geoestratégica dos Açores:

A situação geográfica dos Açores, no Atlântico Norte, é a de uma plataforma natural de apoio quer à navegação marítima desde os descobrimentos quer à navegação aérea desde que ela foi descoberta e implementada no século XX com importância acrescida em contexto de guerra no Atlântico Norte. Não admira, pois que a sua posição geográfica cedo adquirisse contornos geoestratégicos e por isso fosse alvo de cobiça de países estrangeiros.

A Inglaterra, a Alemanha e até os Estados Unidos estiveram tentados a ocupar as ilhas subtraindo-as à soberania portuguesa ou subjugando-as aos seus interesses estratégicos.

A Diplomacia Portuguesa, porém, sempre soube defender internacionalmente o seu indeclinável direito de posse destas ilhas ao longo dos séculos.

A Alemanha não escondeu, a quando da Partilha do mundo pelas potências europeias, na Conferência de Berlim de 1885 e na discussão do Mapa Cor de Rosa o seu interesse em incluir as Ilhas Atlânticas na sua zona de influência, e instalar nos Açores uma base naval de envergadura. Não fora a firmeza de Portugal e a ajuda diplomática inglesa nessas conversações e as ilhas atlânticas passariam para o domínio imperial alemão. As

manobras navais anuais de 1908, as maiores de todas, simulando um desembarque em várias ilhas dos Açores são disso uma prova irrefutável do apetite por estas ilhas. E estamos perante um país que só respeitava os tratados internacionais se eles não ferissem os seus interesses. E temos exemplos disto mesmo em relação aos territórios ultramarinos do Portugal pluricontinental. Recordemos, para nos situarmos apenas no tempo histórico que aqui desenvolvemos, os ataques a Naulila e ao Cuamato, no sul de Angola, em Outubro/Novembro/Dezembro de 1914, violando a linha de fronteira fixada em 1887 entre Angola e o Sudoeste africano alemão (Paralelo 18º Cabo Frio e 24 minutos de latitude meridional) assinada por Henrique de Barros Gomes da parte de Portugal e barão Schmidthals por parte da Alemanha e os ataques à fronteira norte de Moçambique, em Dezembro, posto de Mazina com total desrespeito pelo estatuto de neutralidade de Portugal com desprezo dessa potência pelos tratados internacionais e o direito dos povos. Acresce que a instalação dos cabos submarinos que asseguram as comunicações internacionais, na cidade açoriana da Horta, relevavam ainda mais a importância estratégica do Arquipélago.

2º Ação dos Açores no início da guerra

- 3 minutos depois da Alemanha ter efectuado a Declaração de Guerra, a empresa “Cabos Submarinos” sediada na cidade da Horta, Ilha do Faial cortou o cabo telegráfico alemão privando-a de enviar um único telegrama às suas colónias e núcleos de emigração.

3º Impacto do Conflito em Agra do Heroísmo.

Os jornais transmitem-nos o dia a dia da comunidade angrense ao longo destes 4 anos da 1ª guerra mundial e é baseado na sua leitura e na análise de outros documentos em que me apoio para descrever os efeitos de tal acontecimento no seu quotidiano.

A notícia da 1ª Grande Guerra chega aos jornais por telegrama de 27 de Julho “**Romperam-se as relações entre a Austria e a Sérvia**”. A partir deste anúncio sucedem-se os relatos do desenvolvimento do conflito e as Declarações de Guerra em catadupa, das várias potências dos 2 blocos beligerantes – Tríplice Aliança e a Entente. Os jornais privilegiam estas notícias em destaque na 1ª página e as conversas dos

angrenses passam por discutir este assunto mas numa perspectiva de ao longe, não sofrendo as consequências trágicas dos países em contacto dramático com essa terrível realidade. Os mais afortunados da comunidade (muito poucos) também seguem pela rádio o desenrolar dos acontecimentos, juntando-se a família e amigos com opinião, ao redor dessa caixa misteriosa da rádio donde saem as notícias

A vida activa continua diluída pelos 3 sectores clássicos da actividade sem grandes sobressaltos.

O Sector primário que ocupava a maioria dos assalariados quer no amanho das terras, cultivando cereais, essencialmente trigo e milho, quer cultivando matérias agro-industriais como a chicória e o tabaco quer no cuidado das quintas (fruta) e dos vinhedos, quer explorando a pecuária, (essencialmente bovino) de gado bravo e manso em pastoreio ao ar livre tanto ao gosto/paixão dos terceirenses. Para este sector a guerra atrapalha pouco. A terra é ubere, o que produzia matava a fome, os salários apesar de baixos, mantinham-se estáveis e os afectos de vizinhança solidarizavam as pessoas. À medida, porém, que a guerra se vai dilatando no tempo e a carestia de vida se vai acentuando quer pela atávica crise sazonal de produção agrícola (os maus anos) quer pela dificuldade de aquisição de bens imigrados doutros mercados, os problemas sociais agravam-se mas são vividos e resolvidos duma forma serena e sensata embora firme. Recorria-se à intervenção mediadora do poder político, normalmente ao Governador Civil do distrito de Angra que intervinha junto das entidades competentes ora ao Governo da República ora aos Governadores civis dos distritos de Ponta Delgada e Horta numa interdependência solidária de “agora preciso eu, amanhã precisas tu” e o que sobrava num distrito acudia à precariedade do outro.

O sector secundário constituído principalmente pela actividade comercial caracterizava-se por um grande dinamismo e agressividade concorrencial. Os ramos de comércio cobriam as necessidades primárias duma comunidade com exigência cultural a arranhar o cosmopolitismo doutros tempos. Aqui estava sediada a cabeça de bispado, o comando militar dos Açores, a Fortaleza militar mais importante (o Castelo de S. João Baptista) e o contingente de tropas mais numeroso do arquipélago. As casas

comerciais abasteciam este mercado e por isso vivia-se com relativa abundância quer de géneros quer de espécie. Os frisos publicitários expressos nos jornais angrenses, alguns em verso de raiz popular e jocosidade bastante ao gosto dos angrenses, dão-nos conta duma gama diversificada de artigos e da modernidade dos mesmos. A publicidade preenchia as 3ª e 4ª páginas dos jornais com recurso à imaginação e ao espírito criativo dos comerciantes estimulando a preferência dos consumidores.

O sector industrial, embora modesto, apoiava-se essencialmente nas matérias primas agro-alimentares e industriais produzidas na ilha com recurso às vizinhas ilhas de S. Jorge e Graciosa com quem Angra mantém ligações marítimas regulares. As empresas agro industriais sediadas, em Angra, nessa altura, eram: Panificação Manuel da Rosa, Panificação Terceirense, a Fábrica do Álcool, a de Tabaco (Flor d/Angra, as Fábricas de Chicória Amadeu Monjardino e Frederico Vasconcelos, a Fábrica de Curtumes, e a Fábrica de Sabão, esta com importação de alguns componentes químicos adquiridos quer no mercado nacional quer no estrangeiro e a Fábrica do Caracol produtora de massas alimentícias. Todas elas micro empresas com um número de operariado de reduzida dimensão e capitais extensivos a sociedades localizadas no continente como a Fábrica de chicória. Apesar do abastecimento das matérias primas no mercado local estas indústrias sofreram quebras de produção com a carestia provocada pela guerra. A fábrica de sabão, sita, na Ladeira Branca, por exemplo, teve quebras de produção por causa do afundamento de barcos de carga vindos da Inglaterra com matéria prima necessária à produção (testemunho oral dum familiar). A primeira notícia relacionada com a quebra de produção do sector industrial, por falta de provimento das empresas, aparece relatada em 13 de Fevereiro de 1915 “face às dificuldades de obtenção de matéria prima, sendo as causas especiais, o elevado preço do ouro e a carestia dos fretes”. Curiosamente não se menciona a insegurança provocada pelos ataques de submarinos e outros navios de guerra que enxameavam o mar dos Açores

O sector terciário era bastante expressivo, pois abrangia uma vasta gama de pessoas empregadas na administração pública **civil** com relevo para os funcionários do Governo Civil, da Junta Geral, da Câmara Municipal de Angra, da alfandega, dos serviços de Saúde, da Educação, da Justiça e da administração **militar** aqui sediada ao mais alto nível hierárquico do arquipélago e constituída por funcionários empregados

no Comando militar dos Açores, e militares em serviço no Comando do Regimento de Infantaria nº 25, e no Forte de S. Sebastião, Policia, a Liga de Defesa Nacional donde emergiu a Sociedade da Cruz Vermelha cuja 1ª Presidência foi entregue a um Civil (Thomé de Castro).

A administração do sector privado é sobretudo constituída por funcionários empregados nas Instituições bancárias e escritórios comerciais com destaque para as agências de transportes marítimos quer de passageiros quer de carga quer mistos configurados nas empresas Fabre Line, Sud Atlantique, Hollandsche, Mala Real Holandesa, White Star Line, Mala Real Inglesa, Insulana de Navegação e Carregadores Açoreanos. Estas empresas com uma não muito vasta frota de vapores e paquetes asseguravam o embarque regular de passageiros para os Estados Unidos e Brasil uns, e outros o abastecimento e transporte de géneros de e para o Continente e entre ilhas. Por falta de estatísticas fiáveis não foi possível contabilizar o nº de passageiros que emigraram entre 1914/18 para os Estados Unido e Brasil mas calcula-se que, no ano de 1916, por exemplo, emigraram para o Brasil cerca de 3.000 a 4.000 pessoas. A frequência mensal, ou quase, das carreiras de transportes marítimos para aqueles destinos com farta publicidade nos jornais “em direitura a Providence” em classes de 1ª, 2ª e 3ª categoria para aqueles dois destinos a preços baratos faz-nos pensar que havia uma grande emigração. O movimento marítimo na baía de Angra, em 1914, atingiu a cifra das 189 embarcações, sendo 174 vapores, 6 navios à vela, 4 Couraçados e 5 lanchas a gasolina.

As agências destas empresas sediadas em Angra, com mais nomeada, eram Vieira Mendes, Thomé de Castro e Alfredo Mendonça.

Ambiente Social

A Guerra não veio provocar grandes perturbações no modo de viver dos angrenses. Os clubes mantiveram o calendário da sua vida associativa com festas regulares, nas datas comemorativas do Natal, Carnaval, Páscoa, Pentecostes, S. João e os Oragos das freguesias para além da comemoração de acontecimentos de índole política e religiosa relevantes como a visita de entidades top da vida administrativa quer militar quer civil e eclesiástica de que é

exemplo a apoteótica recepção ao bispo D. Manuel Damasceno da Costa, em 28 de Abril de 1915, após a vacatura dum bispo desde 1911 na Diocese.

Os clubes eram em número notável: Club Musical, Fanfarra Pátria e Liberdade, Recreio dos Artistas, Lawn Tennis Club, União Operária e Grémio Popular Angrense. Possuía esta cidade ainda duas estruturas culturais de grande influência na vida dos terceirenses - o Teatro Angrense, onde eram exibidos Filmes, peças de Teatro e Revistas para gáudio geral e a Praça de Touros S. João para satisfazer a afición das touradas a cavalo.

Os programas das festas promovidas pelas direcções dos clubes denunciam grande nível cultural dos associados concretizado em serões - musico-dançantes, saraus musico-literário-dançantes, saraus musico-dançantes e récitas com participação activa de artistas amadores locais e peças literárias da autoria de terceirenses ilustres, concebidas especialmente para essas ocasiões. Tais festas duravam até de madrugada.

Os Verões duma certa burguesia, apesar das preocupações da guerra, eram passados, como de costume, em quintas ao redor de Angra e a partir de meados de Agosto com mudança de armas e bagagem para a denominada “Sintra Terceirense” ponta oeste da ilha, Freguesia da Serreta, onde a mata florestal e o clima suavizavam e refrescavam o ar ambiente. Os folguedos e as actividades lúdico-desportivas (sueca, croquet e solo) ocupavam a ociosidade desses veraneantes que engrossavam também o cortejo dos devotos da Senhora dos Milagres. E foi assim durante os 4 anos que a guerra durou. O entusiasmo que se vivia nessa temporada e a convivência encontrei-os em verso e em prosa que não resisto a registar:

“Há dias no tabuleiro de croquet o banzé era tanto que já houve quem o denominasse – praça do peixe”.

“Neste últimos dias, na central (Vulgo, Largo da Igreja) o movimento era tanto que o Regedor pediu a polícia para evitar atropelamentos”.

Mas o entusiasmo ao jogo aparece plasmado nestes versos:

Então já sabe compadre!

Vamos ter cá o Artur Soares (Era o chefe do Posto Fiscal das Velas S. Jorge)

É caso para dizer:

Que vai tudo pelos ares.

Denodado jogador de sueca, croquet e solo

Jamais se encontra igual

Dum polo a outro polo.

É bom todavia lembrar,

Como bem diz o ditado:

Não venha buscar lã

Para depois ser tosquiado.

O povo, esse, divertia-se com as touradas à corda promovidas e organizadas, como hoje, pelas comunidades das freguesias e nas festa religiosas aprimorando numa simbiose admirável fé e alegria.

Angra Política

O Distrito de Angra do Heroísmo constituía um Circulo Eleitoral do Congresso com direito a eleger nas respectivas Câmaras - 4 deputados e 4 Senadores. Nas eleições de 1915 foram eleitos pelo Partido **Unionista** de Brito Camacho para a Câmara de deputados Amadeu Monjardino e António Afonso Carvalho e para o Senado - Francisco Vicente Ramos e Dr. Silvestre Falcão de Sousa Pereira Barredo; pelo Partido **Democrático** chefiado por Afonso Costa - Dr. João Baptista da Silveira e António da Costa Godinho Amaral como deputados e Faustino Fonseca e Dr. Simão José para o Senado. Estes parlamentares eram portadores das preocupações do povo que os elegeram e exerciam influência quer dentro do Partido quer no Congresso para resolver os problemas do Distrito. O Governador do distrito era da confiança política do Governo e por isso, como regra, quando mudava o Governo era designado novo governador. Acontece porém que com a excessiva instabilidade governativa da república vigente nesse período (23 governos entre 1914 e 1918) não havia tempo para novas nomeações e assim houve relativa estabilidade política no Distrito. As relações entre as instituições políticas e militares sitas em Angra caracterizaram-se pela harmonia institucional e conjugação de esforços. Isso resulta claro da leitura das actas da Câmara Municipal.

Angra Militar

A sede do Comando Militar dos Açores, nesta cidade, tem uma leitura política que nos fala da real importância estratégica desta ilha e do seu porto de abrigo no contexto histórico da presença e povoamento portugueses e do reconhecimento da sua ancestralidade como cabeça do arquipélago e mais tarde “capital” dos Açores. Aqui foi construída a estrutura militar de maior dimensão no contexto peninsular e aqui estava também concentrado o maior contingente militar dos Açores. A fortaleza serviu, nesta época, a partir da Declaração de guerra a Portugal pela Alemanha, em Março de 1916, de campo de concentração de súbditos alemães e suas famílias (Depósito de Concentrados Alemães). Vindos quer do Continente quer do ultramar à exceção de Timor e Macau inicialmente espalhados pelas lhas S. Miguel e Faial depois concentrados no Forte de S. João Baptista, atingindo o número de 715 pessoas em Agosto de 1918. Uma prisão humanizada classificada de Depósito de Concentrados que nada tem a ver com os campos de concentração quer dos aliados quer dos alemães, em território europeu continental, permitindo-se-lhes liberdade de organização. E realmente essa comunidade profissionalmente diversificada desde oficiais da marinha mercante, comerciantes, engenheiros, industriais, professores, carpinteiros, cozinheiros e operários criou dentro deste exíguo espaço castrense “escolas de engenharia, de náutica, de línguas, jogam foot-ball, exercitam-se em gymnastica, fazem musica e até teatro”. Vão às compras à cidade acompanhados de soldados que lhes carregam a mercadoria como se fossem seus serviçais o que provoca indignação na população civil. “Estão aqui melhor do que em Berlim”. Para o seu sustento, em 1 de Setembro de 1916, com 580 prisioneiros era-lhes fornecido diariamente” 200 Kg de pão, 450 kg de batatas, 220 kg de carne e 200 litros de vinho, além doutros géneros, fruta, legumes, caça, etc.”

A coexistência inicial entre os militares portugueses e suas famílias e os concentrados alemães criou problemas de caráter logístico ao Comando Militar dos Açores.

A guarnição militar estava dispersa pelo Forte de S. João Baptista, sede do Regimento de Infantaria nº 25 com cerca de 200 efetivos, pela 1ª Bateria de Montanha com 50 militares e pela Bateria de Metralhadoras com cerca de 40 efetivos. (? onde estão sediadas estas baterias)

A mobilização de militares terceirenses para a guerra quer para a defesa do ultramar, no sul de Angola e norte de Moçambique, integrados nos Corpos Expedicionários com início no 2º semestre de 1914 quer para a guerra, em território europeu, a partir de Março de 1917 gerou, na sociedade civil, movimentos de solidariedade constituídos sob a denominação “**Assistência aos Mobilizados da Ilha Terceira**”.

A receita deste Movimento advinha de várias iniciativas como “Kermesses”, ofertas individuais e empresariais, Câmara Municipal e saraus, antecipando-se às medidas tomadas pelo Governo com igual fim. Este Movimento arrecadou receita notável que distribuía criteriosamente pelas famílias dos militares mobilizados mais carenciados.

Angra e a ilha Terceira não sofreram qualquer ataque de submarinos alemães, ao contrário de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, que, em 4 de Julho de 1917, foi bombardeada provocando 1 morto, 3 feridos e prejuízos materiais numa residência. Este acontecimento desmascarou a fragilidade da defesa dos Açores e os protestos violentos desta ocorrência pela população micaelense veiculados pelo Governador Civil e deputados pelo Circulo Eleitoral do distrito de Ponta Delgada junto do Governo Central obrigaram o Ministro da Guerra, Norton de Matos, a deslocar para aí o Comando Militar dos Açores. Reagiram os angrenses, por intermédio dos seus deputados e do Governador Civil tendo obtido a promessa do Ministro de que tal decisão era provisória e só valia enquanto a guerra durasse, promessa que não foi cumprida. Angra perdeu uma estrutura militar política e economicamente relevante, à qual veio juntar-se, dois anos mais tarde, outra com a criação do cargo de Alto Comissário da República com sede em Ponta Delgada, em Agosto de 1918, sob o Governo de Sidónio Pais. Ocupou o cargo o General Simas Machado, coordenando daí política e militarmente os Açores. Em Angra, pelo contrário, em 2 de Julho de 1918, foram retirados do Monte Brasil todos os pertences do mestre sinaleiro... provocando o comentário dos “vencidos da vida” mas conformados terceirenses – bem dizia o conselheiro José Silvestre Ribeiro ...” o que se diz e faz na Ilha Terceira não se diz nem faz em parte alguma”.

Carestia

O termo carestia parece-me o mais apropriado para definir o status económico que se viveu em Angra e no seu distrito nos 4 anos da 1ª guerra mundial que estamos a analisar não só porque é o nome pelo qual é referenciado nos documentos que consultei mas também porque em termos económicos propriamente ditos não aconteceram significativas alterações no tecido social.

A carestia foi combatida, ao longo destes anos, ficticiamente pelas autoridades através de Editais que proibiam o aumento dos preços mas sem grandes resultados, dado que as leis do mercado sobrepunham-se aos éditos legais.

A 1ª notícia que nos dá conta desta carestia aparece-nos relatada em 17 de Outubro de 1914 e tem por título “Ovos! Ovos!”. Na sua sequência, em Edital, o Major do Estado Maior Carlos

Mendes, Administrador do Concelho de Angra do Heroísmo fixa o preço máximo da dúzia em 240 reis, “usando a faculdade que lhe confere o nº 5º do Decreto de 10 de Agosto último”. Trata-se de um género alimentício muito procurado pelos barcos que escalavam o porto. Em 16 de Março de 1918, atingem o preço de 250 reis mas o produto que mais polémica despertou foi a falta e o preço exagerado do pão, quer de milho, quer de trigo, quer de mistura obrigando à intervenção do Governador Civil e ao qual dedicarei uma alínea dada a importância desta ocorrência.

A 7 de Dezembro de 1915 é publicado pelo Delegado Agrícola, Jácome Bruges um apelo aos lavradores do Distrito de Angra incentivando-os a intensificar o mais possível o cultivo do trigo dada a sua carestia universal e a dificuldade de o importar e aproveitar uma oportunidade de negócio“ para uma exportação sobremodo lucrativa”.

A intervenção do Governador Civil, como mediador da crise económica é exaltada, em vários momentos, ao longo deste período, como por ex. em 17 de Janeiro de 1916, “O Governador Civil do Distrito de Angra do Heroísmo zelosa e inteligentemente tem no seu distrito atenuado quanto possível a crise económica”. A crise acentua-se ao longo do ano de 1917 e estende-se aos bens de 1ª necessidade desde o açúcar, ao arroz, às massas, ao sabão, etc, com os preços tabelados por Edital, porém, agravados em 10 reis (1 centavo) nas freguesias para compensar o custo dos transportes. Suspende-se a exportação de milho nos meses de Abril, Maio e Junho e em Maio é nomeada uma Comissão, nas freguesias, constituída pelos Pároco, Regedor, Professor e alguns lavradores “para dissuadir os proprietários e agricultores a apresentarem no mercado os seus trigos que agora são vendidos por bom preço... para garantir as subsistências porque o mais feio espectáculo que se pode presenciar seria se dentro de uma pequena terra, onde todos se conhecem e vivem como uma só família, houvesse uma parte onde a abundância atingisse o limite do desperdício, ao mesmo tempo que outra se estorcesse nas vascas da fome” .

A Crise do Pão

A 12 de Junho/17, 3ª feira, noticiava-se “As Ruas Centrais de Angra apresentaram ontem à noite, um aspecto desolador. Dos bairros pobres desceram os habitantes à procura de pão e não o encontrando, ficaram sem comer....Procurou-se farinha de milho... não a encontraram à venda...”

Dois dias depois, o Governador obriga as padarias a fornecerem pão às mercearias pois estas conhecem melhor do que ninguém as necessidades dos seus fregueses e proíbe o

açambarcamento feito pelos endinheirados. “È requisitado, na Vinha Brava, o milho existente numa pirâmide de vigas de madeira a que se chama burra de milho”. E houve gente que apresentou receita médica para ser fornecida de pão de trigo para doentes.

Procura-se entretanto remediar a falta deste género com o recurso a misturas “Trigo e Fava” e prosseguem as diligências contra o açambarcamento com a intervenção da polícia em S. Bartolomeu. Em resultado das diligências das Comissões e da Polícia foram adquiridos 14 moios de trigo e proibido o aumento do preço. Com esta medida, amaina a crise mas o garrote imposto ao preço do “pão de rala a 50 reis” traduz-se em prejuízo para a principal firma “Panificadora Terceirense, Lda” que declara greve no fabrico de pão, a partir de 25 de Setembro, alegando não poder sustentar o preço da tabela oficial. Intervém o Governador Civil acordando com a Empresa o fornecimento aos 1500 militares da Guarnição, aos hospitais e aos cerca de 600 concentrados alemães mas não autorizando o aumento do preço. Fixou o preço máximo da farinha de 1ª qualidade, em 180 reis o Kg, e licenciou a Cozinha Económica e Firma João Maria Betencourt e Irmão (Batatal) a fabricar pão “à venda por conta do Sr. Governador”. Tal atitude provocou, na urbe, um movimento de solidariedade e agradecimento da população que convocou para as 9 horas da noite de 27 de Setembro uma manifestação de reconhecimento ao Sr. Governador Civil, Joaquim Teixeira da Silva. È digna de nota esta manifestação quer pela sua grandeza quer pelo insólito da sua organização: Reuniu-se no Alto das Covas uma enorme multidão (8 a 10.000) constituída pela maioria de trabalhadores assalariados, os pobres, não só da cidade mas também das freguesias próximas, especialmente S. Mateus, Homens, Mulheres e Crianças, em trajes de trabalho, a bater com varapaus de camponeses nas pedras dos passeios e calçada. Incorporam a manifestação Rua de Sé em sentido descendente as fanfarras União Operária Musical Angrense e Recreio dos Artistas. Juntam-se-lhe, subindo a Rua da Sé, a classe dos pescadores do Bairro do Corpo Santo precedida pela Fanfarra Pátria e Liberdade com o pendão Verde-Vermelho tendo impresso a purpurina cor de oiro os dizeres – VIVA O EXMO GOVERNADOR CIVIL PROTECTOR E AMIGO DO POVO. Segue a manifestação até à Praça velha e daí à Praça 11 de Agosto. Grande quantidade de archotes iluminam a multidão. Da janela de Francisco Corvelo, o Sr. Martins, artista sapateiro, lê uma alocução que foi muito aplaudida e depois entregue ao Sr. Governador Civil que agradeceu.

Não desistem as Padarias grevistas e a 17 de Dezembro noticia o jornal A União em titulo: “No Sábado, Assaltos à noite , Vidros partidos, Correrias nas Ruas da cidade, Força Armada na Praça da Restauração, Feridos, Outros Pormenores”.

A questão da carestia do pão arrasta-se no tempo com queixas dos compradores sobre a sua qualidade, quebra do peso e aumento gradual do trigo, atingindo nos princípios de 1918 o preço de 1500 reis (moeda insulana) o alqueire (10Kg). Em 18 de Janeiro desse ano, 400 gr de o pão de farinha de trigo é vendido a 75 reis e as mesmas 400 gr de farinha de mistura (2/3 de farinha de trigo e 1/3 de farinha de milho branco) a 60 reis.

Outro produto que nos dá uma imagem da carestia e a inflação neste tempo de vacas magras, é o preço dos ovos que em 16 de Março de 1918 atinge o preço de 250 reis a dúzia mas os presos alemães pagam-nos a 600 reis a dúzia.

Papel

A sua falta acentua-se ao longo destes 4 anos de guerra, obrigando o principal órgão de comunicação da Ilha “A União” a reduzir a sua redacção em 50%, a partir de 31 de Julho de 1917.

O aumento constante deste produto obriga o proprietário a elevar os preços dos anúncios para o dobro e mesmo assim, em tom de desabafo, em 23 de Maio de 1918, queixa-se de que “o aumento do papel é um nunca acabar.”

O fim do pesadelo

A 9 de Novembro de 1918, Sábado, A União, no seu nº 7307, em letras garrafais informava os angrense –

Acabou a Guerra!

Telegrama oficial! Recebido esta tarde na estação Telegrafo-Postal de Angra, comunica que foi assinado já o armistício entre a Alemanha e ao Aliados, cessando as hostilidades em todas as linhas de batalha e que em Londres e Paris se realizam delirantes manifestações de regozijo.

! Vivam os Aliados !

Angra rejubilou com o acontecimento e a seu modo manifestou-o na praça pública percorrendo as principais ruas da cidade logo a seguir à notícia.

Da estação do correio, àquela hora, 3 da tarde, foram mandados lançar inúmeros foguetes.

O Comandante do Regimento mandou tocar a reunir e todas as praças disponíveis e a banda militar percorreram as Ruas da Cidade tocando o Hino Nacional.

“Em breve um aluvião de povo engrossou a manifestação. A banda regimental cumprimentou a Câmara Municipal e o Exmo. Governador Civil e todos os representantes das nações aliadas, recolhendo depois ao quartel no meio de inúmeros vivas ao Exército Português e aos Aliados”

A seguir as 3 filarmónicas percorreram também as principais vias da cidade, tendo antes cumprimentado as entidades administrativas acompanhadas de milhares de pessoas que freneticamente “levantavam vivas” ao Exército Português, ao heróico Povo de França e mais nações aliadas. Era um verdadeiro delírio em todos os pontos da cidade.

Em sinal de regozijo, os principais estabelecimentos da cidade fecharam e à noite, iluminaram-se os edifícios das Repartições Públicas. No quartel, à hora do rancho distribuiu-se vinho e na Cozinha Económica entregaram-se 120\$000 reis para melhoria das refeições.

Angra do Heroísmo, 22 de Maio de 2015

Rui Ferreira Ribeiro de Meireles